Rio+20 como acontecimento jornalístico nas revistas *Veja e Época*¹

GISELE DOTTO REGINATO

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil - giselereginato@gmail.com
Doutoranda em Comunicação e Informação pela UFRGS. Bolsista Capes e membro do Núcleo de Pesquisa em Jornalismo - UFRGS/CNPq. Mestre em Comunicação e graduada em Jornalismo.

Resumo

Este artigo analisa a cobertura jornalística da Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável (Rio+20), tendo em vista a problematização em torno do conceito de acontecimento jornalístico, com base especialmente em Babo-Lança (2006), Charaudeau (2006), Mouillaud (1997), Quéré (2005; 2011) e Rebelo (2006). São analisadas as revistas *Veja* e *Época*, as duas com maior circulação média entre as revistas semanais brasileiras. Como resultado, constata-se ter sido reiterante a utilização do gancho factual do acontecimento para discutir a temática ambiental, porém não foi realizada uma cobertura analítica da Rio+20 como acontecimento. Além disso, as revistas se utilizaram da cobertura do acontecimento para reforçar a credibilidade. A análise demonstra ainda a criminalização e a ironia em relação às manifestações ocorridas durante a conferência e em seus eventos paralelos.

Palavras-chave

Acontecimento jornalístico; Rio+20; Revista *Veja*; Revista *Época*; Desenvolvimento sustentável.

Abstract

This article analyses the journalistic coverage of the United Nations Conference on Sustainable Development (Rio+20), with a view to questioning around the concept of journalistic event, based mainly on Babo-Lança (2006), Charaudeau (2006), Mouillaud (1997), Quéré (2005; 2011) and Rebelo (2006). We analyse the magazines *Veja* and *Época*, the two with the highest average circulation between the Brazilian weekly magazines. As a result, it appears to have been reiterating the use of the event's newspeg to discuss environmental issues, but was not performed an analytical coverage of Rio+20 as an event. In addition, the magazines use the coverage to strengthen credibility. The analysis also shows the criminalization and irony in relation to the demonstrations that took place during the conference and its side events.

Keywords

Journalistic event; Rio+20; Magazine *Veja*; Magazine *Época*; Sustainable Development.

Artigo recebido em 19/07/2013

Aprovado em 19/08/2013

¹ Trabalho apresentado no 10º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), em Curitiba-PR, em novembro de 2012, e revisado para esta publicação.

Economia verde, desenvolvimento sustentável, meio ambiente, conservação do planeta. Esses temas estiveram em discussão durante a Rio+20, Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável, que ocorreu de 13 a 22 de junho de 2012 no Rio de Janeiro, marcando os vinte anos de realização da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio-92). Esses temas estiveram presentes, também, na pauta jornalística da quase totalidade dos grandes veículos brasileiros, independente do espaço e do tipo de cobertura que lhe foi dado.

Entendendo o jornalismo como um lugar de circulação e produção de sentidos, elaborado segundo condições de produção e rotinas particulares, com um contrato de leitura específico (BENETTI, 2006), ele tem o poder de compreensão, esclarecimento e interpretação de um acontecimento. E o acontecimento, por sua vez, tem o poder hermenêutico de revelar um campo problemático (QUÉRÉ, 2005) e de introduzir um novo campo de possíveis (BABO-LANÇA, 2006). Partindo desses pressupostos teóricos em relação ao acontecimento, torna-se instigante a reflexão: o que a cobertura jornalística esclarece a respeito da Rio+20? E qual é o campo problemático e o campo de possibilidades de sentidos que a Rio+20 revela ou silencia? Assim, este artigo analisa a construção do acontecimento jornalístico Rio+20 nas revistas *Veja* (Editora Abril) e *Época* (Editora Globo). Foram selecionadas três edições de cada revista, de forma que todo o período do acontecimento fosse contemplado. As edições analisadas de *Veja* são dos dias 13, 20 e 27 de junho de 2012; as de *Época* são dos dias 11, 18 e 25 junho de 2012.

As publicações foram selecionadas por serem as duas com maior circulação média entre as revistas semanais, de acordo com o Índice Verificador de Circulação (IVC)². A escolha por pesquisar a Rio+20 se dá por reunir os potenciais elencados por Rebelo (2006, p. 17) para que uma ocorrência se torne acontecimento: atualidade (se produz no nosso espaço e no nosso tempo), relevância (provoca uma ruptura no nosso quadro de vida e de experiência) e pregnância (incita à reconstrução desse quadro de vida). A justi-

² Disponível em: < <http://www.aner.org.br/Conteudo/1/artigo42424-1.asp> > Acesso em 31 mar 2013.

ficativa também se dá a partir de Quéré (2011), que sugere a reflexão acerca da dinâmica de publicização do acontecimento, em função da sua importância na constituição do debate público e da vida política. Além disso, as revistas são interessantes objetos de estudo porque permitem cobrir funções culturais mais complexas que a transmissão de notícia (SCALZO, 2008). Afinal, se a internet traz o tempo do instante e o jornal impresso traz o tempo do dia, a revista se configura a partir da veiculação de um tempo estendido.

Acontecimento jornalístico

O desenvolvimento sustentável é uma das grandes temáticas globais da atualidade. Pertence a todos nós, de todos os países. Considerando, como Merleau-Ponty, que o acontecimento remete necessariamente à temporalidade (MARCONDES FILHO, 2009), é preciso compreender que é nesse tempo de protagonismo do desenvolvimento sustentável que “acontece” a Rio+20 e que se dá a construção discursiva do acontecimento por parte das revistas *Veja* e *Época*. Cabe enfatizar que o discurso é aqui entendido como o lugar em que o acontecimento adquire sentido, ou seja, “o fenômeno precisa ser inscrito em um regime discursivo para que passe a ter existência como acontecimento” (BENETTI, 2010, p. 148).

Nesse cenário, o acontecimento rompe o contrato de normalidade e se desdobra num campo problemático, pois há uma variação de leituras, posicionamentos e interesses relacionados ao desenvolvimento sustentável. Através da seleção e do ângulo de abordagem, o acontecimento jornalístico atualiza um processo de problematização que está em curso e possibilita que se avalie o sistema de valores hegemônicos em uma sociedade em um momento histórico (BENETTI, 2010). O jornalismo, pois, não só informa, mas dá forma àquilo que ocorreu (MOUILLAUD, 1997).

Em contraponto à irrupção dos acontecimentos cotidianos que se transformam em notícia pela sua notoriedade acidental, há também os acontecimentos previsíveis (BERGER; TAVARES, 2010, p. 135), categoria em que se enquadra a Rio+20. Conforme conceitua Charaudeau (2006), os acontecimentos programados desse tipo são marcados pela existência de um calendário que pontua a organização e o desenvolvimento da

vida social. Mesmo não sendo um acontecimento inesperado, ele impõe que busquemos compreendê-lo e o jornalismo se insere nessa busca por sentido, construindo narrativas sobre o acontecimento (REBELO, 2006).

Quéré (2005) entende que esse tipo de acontecimento quando se produz é o resultado daquilo que o precedeu e que, apesar disso, a sua ocorrência faz emergir algo de novo. Nesse sentido, existe um passado que emerge apenas em função do acontecimento, como é o caso da relação constante entre a Rio+20 e a Rio-92, que traz um “sentido de ocasião” (KATZ, 1999, p. 52), ou seja, esse evento, de tempos em tempos, é reverberado quando desenvolvimento sustentável é o assunto em foco. Além disso, há questões novas trazidas a partir da Rio+20, como problematizações em torno da “economia verde” que seguirão sendo discutidas a partir do evento e do documento oficial final produzido. Em suma, é a partir da ocorrência do acontecimento que se pode associar-lhe um passado, pelas analogias que sugere, e um futuro, pelas antecipações que permite (REBELO, 2006).

Veja a Rio+20

A *Veja* (Editora Abril), revista mais vendida do país, tem tiragem semanal de 1.198.581 exemplares, projetando um total de 10.448.135 leitores³. *Veja* apresenta sua missão como a de “ser a maior e mais respeitada revista do Brasil. Ser a principal publicação brasileira em todos os sentidos. Não apenas em circulação, faturamento publicitário, assinantes, qualidade, competência jornalística, mas também em sua insistência na necessidade de consertar, reformular, repensar e reformar o Brasil. [...] Ela existe para que os leitores entendam melhor o mundo em que vivemos”⁴. Segundo França (2012, p. 193, grifo nosso), sua institucionalização em mais de quarenta anos de existência dá-se pelo “longo processo temporal de reciprocidade e tipificações entre *Veja* e seus leitores, criando, com o tempo, um terreno de rotina [...] que permitiu a formação de um hábito:

³ Os dados estão disponíveis em:

<<http://www.publiabril.com.br/marcas/veja/revista/informacoes-gerais>> Acesso em 31 mar 2013.

⁴ Disponível em: <<http://www.publiabril.com.br/marcas/veja/revista/informacoes-gerais>> Acesso em 31 mar 2013.

todas as semanas a revista está nas bancas, **oferecendo ao leitor os principais acontecimentos**".

Na edição de 13 de junho de 2012, a capa de *Veja* anuncia um especial de 28 páginas sobre a Rio+20, com a chamada "O que esperar do encontro que celebra o triunfo da consciência ambiental" (VEJAa, 2012). O discurso da *Veja* traz o pessimismo em relação a possíveis retornos do evento e, ao mesmo tempo, trata do novo panorama do desenvolvimento sustentável em que se destaca o papel do consumidor⁵.

A Conferência sobre o Desenvolvimento Sustentável **difícilmente apresentará grandes sucessos ou dramáticos fracassos**. Mesmo sem o espetáculo festivo da Eco 92, é uma nova chance para reforçar uma postura definitiva, a do **consumidor consciente que força empresas e governos a respeitar o ambiente** (VEJAa, 2012, p. 94).

Hoje, em comparação ao encontro de duas décadas atrás, há a **pressão do consumidor, que já não admite comprar produtos de companhias que os fabriquem desrespeitando os limites da Terra [...]** (VEJAa, 2012, p. 95).

Além disso, *Veja* situa as empresas como tendo um papel muito importante nesse cenário, sem problematizar que, por exemplo, como analisa Portilho (2010), o setor empresarial aparece no cenário ambientalista somente a partir da década de 1980, quando começa a abandonar sua imagem de "vilão da ecologia" e a adotar a imagem de "amigo do verde".

Empresas privadas e parcerias público-privadas desempenham frequentemente um papel pioneiro na tradução de seus ideais em soluções práticas que ajudam a melhorar a qualidade de vida para todos (VEJAa, 2012, p. 114).

Felizmente para a saúde planetária, outros protagonistas vêm fazendo o dever de casa. No mundo todo, **empresas se preocupam em entregar produtos menos agressivos ao ambiente, forçadas por consumidores conscientes e exigentes** (VEJAb, 2012, p. 110).

⁵ É importante destacar que nos trechos discursivos de textos das revistas *Veja* e *Época*, selecionados para este artigo, foram negritadas as marcas que dão sentido ao recorte dentro da problematização apresentada. Isso não significa que aqui o foco seja a análise de palavras; pelo contrário, a filiação teórica que embasa este artigo nos leva à reflexão de que toda palavra está inserida em um discurso, o qual tem relação com outros dizeres, num contexto sócio-histórico de constituição.

Apesar de *Veja* enfatizar a importância da pressão do consumidor no desenvolvimento sustentável, as manifestações durante o acontecimento são tratadas nas edições da revista como incômodas ao trânsito e ao bem-estar, descartando as possibilidades da ação política através da atuação dos cidadãos.

Bandeiras internacionais hasteadas, tendas armadas em parques públicos, exposições por toda a cidade, **comitivas estrangeiras emperrando o trânsito** – assim é, neste momento, o **Rio de Janeiro, engalanado e congestionado** pelo início da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20 (VEJAb, 2012, p. 109).

É possível observar ainda, nas três edições de *Veja* que tratam do acontecimento Rio+20, o reforço do papel do jornalismo e de uma postura enunciativa autorreferencial, por meio da qual explicita a natureza do seu próprio lugar, passando a chamar atenção para o que diz e, sobretudo, “para sobre as operações que faz para nomear realidades” (FAUSTO NETO, 2008, p. 115).

Em 28 páginas, VEJA apresenta uma **série de reportagens e artigos que ajudam a fugir da retórica vazia, do dramatismo inútil e da exploração ideológica em torno dos problemas ambientais** que, nas próximas semanas, ocuparão as discussões (VEJAa, 2012, p. 95).

Assim, é preciso destacar com Espada (2009) que “fazer jornalismo é hoje, também, informar sobre o próprio jornalismo” (p. 7, tradução minha). Essa questão é abordada ainda na capa da edição do dia 20 de junho, quando o acontecimento estampa a chamada principal (Figura 1). Em uma relação intertextual⁶, a revista retoma a relação entre os três macacos sábios que, em trocadilho japonês, significam: não fale o mal, não veja o mal, não ouça o mal. Faz isso se utilizando dos ursos pandas, ícones ambientais. Na chamada, traz: “As **reais questões ambientais que afetam** as pessoas aqui e agora **foram esquecidas**”.

Ou seja, não veja e não ouça o que estão dizendo nas outras publicações sobre o acontecimento, porque isso não reflete as “reais” questões. Mas ouça e veja a *Veja*, e fale a partir da revista. Evidencia-se, assim, que a revista usa o acontecimento como ten-

⁶ Segundo a noção de intertextualidade, “um texto tem relação com outros textos no quais ele nasce (sua matéria-prima) e/ou outros para os quais ele aponta (seu futuro discursivo)” (ORLANDI, 1996, p. 194).

tativa de reforçar sua credibilidade, entendendo com Berger (1996) que a credibilidade é o capital do campo do jornalismo.

Figura 1: Capa da revista do dia 20 de junho (VEJAb, 2012)

Esse é também o sentido evocado na abertura da reportagem de capa desta edição: “É justamente para **combater o achismo** que VEJA publica a série de reportagens e artigos das próximas páginas” (VEJAb, 2012, p. 110). É essa pretensão de trazer o “real” e combater “o achismo” que serve de estratégia para, como diz Rodrigues (1999, p. 32), “inculcar a credibilidade dos corpos sociais que fazem do discurso a sua profissão, numa sociedade ideologicamente marcada pelos valores positivistas de verdade”.

Na edição de 27 de junho, veiculada após o encerramento da conferência, a revista confirma a previsibilidade em relação ao acontecimento adiantada em suas outras duas edições, com o título: “Ficou para a próxima”.

Tudo saiu como esperado: [...] Rio+20 lotou a cidade, deu espaço e voz a todo tipo de reivindicação, acomodou lado a lado os governantes de cerca de 100 países e **manteve todos os pontos da pauta – meio ambiente, pobreza e economia – do jeito que estavam antes** (VEJAc, 2012, p. 102).

A edição do dia 27 de junho – depois do término da conferência, da qual se esperaria uma análise do acontecimento e do documento final – revela o “vai-e-vem” das notícias de que fala Rebelo (2006, p. 5): após a narrativização do acontecimento, os *media* “deixam-no cair porque o acontecimento terá atingido o seu momento Kairós [...]”:

momento da mutação qualitativa em que o acontecimento deixa de se situar na curva do interesse decrescente para se situar na curva do crescente desinteresse”.

A época da Rio+20

A *Época* (Editora Globo) tem tiragem semanal média de 408.110 exemplares⁷. A revista se apresenta como a que traz “todos os lados da notícia” e define que sua missão é “investigar e ajudar a entender o complexo mundo contemporâneo. É antecipar as tendências e captar o espírito do nosso tempo. É perseguir, toda semana, as principais notícias para delas extrair uma agenda de construção do amanhã. É aliar a força investigativa à capacidade analítica. É jogar luz no que há de mais relevante na atualidade, converter informação em conhecimento, transformar a confusão em clareza”⁸. Na revista *Época* de 11 de junho de 2012, edição que antecede o início da Conferência Rio+20, nada é dito sobre o evento. Apesar de ser um acontecimento programado, nenhum conteúdo jornalístico tratou do assunto. No entanto, é possível observar que a publicidade foi agendada pelo acontecimento: três anúncios dessa edição estamparam a parceria com a Rio+20 e exaltaram o evento. Já no dia 18 de junho, *Época* traz a Rio+20 como acontecimento na capa, reiterando o foco da edição em relação à conferência: a preocupação com o futuro (Figura 2).

Figura 2: Capa da revista *Época* de 18 de junho

⁷ Disponível em: <<http://www.aner.org.br/Conteudo/1/artigo42424-1.asp>> Acesso em 31 mar 2013.

⁸ Disponível em: <<http://corp.editoraglobo.globo.com/marca/epoca/>> Acesso em 31 mar 2013.

No editorial, é definida como “Edição Verde”, a sétima da revista em sete anos, e é dedicada às crianças, pois “até o fim do século, provavelmente não estaremos mais aqui. Sobrarão elas” (ÉPOCAB, 2012, p. 8). Construindo o acontecimento pelo viés do futuro, a revista traz casos de crianças exemplares que fazem em seu dia a dia algo pelo meio ambiente. Nesses pontos, é possível perceber a privatização dos deveres às crianças, ao contrário da capa e do editorial que enfocam que os políticos e demais “adultos” é que deveriam garantir o futuro delas. Retomando reflexão anterior (REGINATO, 2011), é possível dizer que se trata de um consumo restrito ao comportamental, filiado a um discurso empresarial, imediatista, que educa os consumidores, em que o indivíduo é usuário (e consumidor) e o mundo institucional desaparece. O objeto de modificação é o “planeta” ou “a natureza”, num discurso um tanto disperso e distante das relações sociais concretas, em que as responsabilidades estão privatizadas ao indivíduo.

O paulistano Pedro Sartori, de 13 anos, passou as férias [...] nos Estados Unidos [...]. Em outros tempos, seria uma viagem inocente. **Em época de mudanças climáticas, derretimento das geleiras e extinção das espécies, um simples passeio pode vir embutido de um sentimento de culpa.** De volta para o colégio Bandeirantes, a escola particular onde estuda, **Pedro estimou na aula de ciência quanto ele e a família emitiram de gases do efeito estufa [...].** O cálculo [...] mostra quanto cada um poluiu e quantas árvores poderia plantar para **aliviar seu pecado. Pedro precisa plantar 38 mudas para pagar sua conta** (ÉPOCAB, 2012, p. 90).

A parte que lhe cabe para **salvar a Terra do colapso anunciado**, Pedro está fazendo. Antes de saber qual seria sua dívida para este ano, já **plantara cerca de 50 árvores** num sítio da família no interior de São Paulo. Tem, portanto, um **crédito verde** (ÉPOCAB, 2012, p. 90).

Na sociedade hoje, a questão ambiental tem, pois, força politizada e despolitizada. Politizada porque traz para o centro do debate um novo ator social preocupado com questões ambientais – o “consumidor responsável” – que teria um importante papel ao modificar suas escolhas individuais e diárias de consumo, exercendo pressão sobre o sistema de produção (PORTILHO, 2010). Despolitizada porque favorece a apropriação privada dos bens naturais e o surgimento de “mercados verdes elitizados” (PORTILHO,

2010, p. 34), em que alguns são “absolvidos” por meio de compras que demandam elevado investimento financeiro, sendo uma força desagregadora.

Apesar de a capa enfatizar a beleza de um ponto turístico do Rio de Janeiro, o tom da reportagem foi pessimista quanto aos resultados da conferência, assim como retratado em *Veja*:

Quem espera que os líderes e diplomatas reunidos no Riocentro resolvam suas diferenças e salvem a humanidade em dois dias – entre 20 e 22 de junho, acontece a reunião de alto nível da ONU – ficará **frustrado**. Há vários sinais de **esvaziamento político da Rio+20**. [...] **Será a Rio+20 um fracasso histórico?** (ÉPOCAc, 2012, p. 73).

Na edição de *Época* de 25 de junho, é veiculado um especial sobre a Rio+20, em que as manifestações populares são tratadas de forma irônica. Cabe ressaltar que a ironia é aqui entendida como uma estratégia discursiva (BENETTI, 2007), a qual só se concretiza se o interlocutor compreender que a intenção é dizer o contrário do que o que está dito. “Para que a ironia se faça legível”, pois, “é necessário que os dois sujeitos dominem o mesmo escopo de informações ou os mesmos mapas culturais” (BENETTI, 2007, p. 41).

Sem muitos avanços ambientais ou grandes líderes, a maior estrela da Rio+20 não deixou de ser a **natureza. Humana**. Durante duas semanas, o Rio de Janeiro conviveu com uma **fauna variada. Índios apontaram flechas para seguranças e motoristas, mulheres protestaram com os seios de fora (provando a importância da sustentabilidade)** e não faltaram nem mesmo seres mitológicos [...] **Para os nativos, o evento foi um programa de índio. O trânsito, a exemplo dos acordos, não andou** (ÉPOCAc, 2012, p. 50).

Se no Riocentro faltou peito aos líderes para avançar nos acordos, coube às mulheres exibir os seus. Num protesto pela liberdade feminina, gritando “**Queremos respeito, mulher não é só bunda e peito**”, **um grupo de mulheres mostrou...os seios** (ÉPOCAc, 2012, p. 50).

A estudante cearense Brígida de Souza, de 22 anos, foi eleita a musa do protesto. Ela disse que não programou tirar a blusa. “Estava fazendo muito calor e um homem que estava do nosso lado tirou a camiseta. Aí me perguntei: por que eu não posso, só porque sou mulher?” **Está explicado: a culpa foi do efeito estufa** (ÉPOCAc, 2012, p. 51).

Com tantos **protestos atravancando o trânsito, a paciência correu sério risco de extinção**. Mas não faltou bom humor. **O evento ganhou apelidos. Rio+20 minutos para chegar, Rio+20 quilômetros**

de engarrafamento, Rio+20 milhões de pessoas na cidade (ÉPOCAB, 2012, p. 52).

Dessa forma, apesar de enfatizar que “os eventos paralelos, promovidos por ONGs e empresas, são o ponto forte da Rio+20” (ÉPOCAB, 2012, p. 70), *Época* assim como *Veja* destaca os incômodos que o movimento social causou no Rio de Janeiro. Nesse sentido, destaco com Benetti (2007) que se habitualmente o jornalismo escolhe noticiar os acontecimentos invulgares, inesperados e imprevisíveis é porque parte de um parâmetro socialmente construído do que seja banal, vulgar, comum e aceitável.

Entrecruzando sentidos sobre a Rio+20 em *Veja* e *Época*

É possível observar como resultados que as revistas não realizaram uma cobertura analítica em relação aos fatos que ocorreram durante a Rio+20. Pela importância do assunto e sabendo que “mesmo o acontecimento mais determinado pode ser considerado como comportando uma parte de indeterminação, logo de novidade” (QUÉRÉ, 2005, p. 63), teríamos a justificativa para uma cobertura mais ampla. Como Cornu (1994, p. 370) nos inspira a pensar, acontecimentos que “tantas vezes são estranhos ao mundo vivido pelo público”, como pode ser o caso da Rio+20, são “racionalmente explicados” mas só “raramente são interpretados, segundo uma busca de sentido que levaria a revelar os seus fins”.

Outro sentido reiterante em *Veja* e *Época* é a criminalização e ironia em relação às manifestações ocorridas durante a conferência e seus eventos paralelos. É possível analisar essa questão a partir do silenciamento em relação às diferentes perspectivas da Cúpula dos Povos na Rio+20 por Justiça Social e Ambiental, organizada por entidades da sociedade civil e movimentos sociais de diversos países, paralelamente à Rio+20, entre os dias 15 e 23 de junho⁹. Para ser acontecimento, algo precisa me afetar, precisa afetar o meu lugar de fala. Não é a toa que “afetar vem de afeto” (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 16). Para *Veja* e *Época*, portanto, a Cúpula dos Povos não afetou de forma a se consolidar como um acontecimento merecedor de destaque.

⁹ O evento recebeu quase 23 mil inscritos, dos quais foram selecionados 15 mil representantes da sociedade civil, vindos de várias partes do mundo. Informações disponíveis em: <http://www.rio20.gov.br/sobre_a_rio_mais_20/o-que-e-cupula-dos-povos> Acesso em 20 jul 2012.

Aí fica claro que a ação dos manifestantes não existe em si, mas se constrói a partir do olhar posto sobre ela: o sujeito observador é que confere sentido ao acontecimento (ALSINA, 2009). Como destaca Mouillaud (1997), os acontecimentos devem ser “admitidos” no campo da informação, o que reitera que há uma seleção do que deve merecer o estatuto de acontecimento e que sempre olhamos o acontecimento de um lugar, o capturamos a partir de um ponto de vista. Assim sendo, “é acontecimento aquilo que é **definido como** acontecimento” (MOUILLAUD, 1997, p. 66, grifo nosso).

No corpus de análise, houve três menções à Cúpula dos Povos. Então como falar em silenciamento? Entendendo o silenciamento como parte constitutiva do sentido e do processo de significação (ORLANDI, 2007), o que *Veja* e *Época* dizem em três fragmentos sobre a Cúpula dos Povos reforça o mesmo que o silenciamento indica: a criminalização e a ironia em relação à luta dos movimentos sociais. O enfoque é dado ao consumidor, preocupado com a esfera privada, não considerando o cidadão que, como ator social, dá ênfase à esfera pública.

Na **paralela Cúpula dos Povos**, reuniram-se ambientalistas, sem-terra, catadores de lixo, feministas, os **notórios antitudo** (capitalismo, globalização, governo e que tais) e **até um grupinho de hare krishnas**. Mas **a presença marcante mesmo por lá foi a dos índios, pela quantidade de colares e brincos de pena que comercializavam e por sua disposição ao protesto** – entre uma passeata e outra, um deles apontou arco e flecha para dois seguranças do inimigo (no caso, o BNDES), que correram para se esconder (VEJAc, 2012, p. 103). Na mira do arco e flecha: seguranças do BNDES correm para se proteger, em um dos protestos liderados pelos participantes da **Cúpula dos Povos, o encontro paralelo contra o imperialismo, o capitalismo e tudo o que está aí** (VEJAc, 2012, p. 103, legenda da foto).

Outros profissionais liberais se deram bem. Na Vila Mimosa, tradicional reduto do meretrício da cidade, a procura foi tanta que o preço subiu. **As moças apelidaram o evento de Rio+20 reais, referência ao ágio na “cópula dos povos”** (ÉPOCAc, 2012, p. 52).

Cabe destacar que as revistas elaboram esse discurso a partir de um ponto de vista consensual da sociedade representando-a como se não existissem importantes rupturas culturais ou econômicas, nem importantes conflitos de interesses entre classes e grupos. E, então, “quando os acontecimentos são ‘delineados’ pelos *media* em enquadra-

mentos de significado e interpretação, supõe-se que todos nós possuímos e sabemos igualmente como utilizar estes enquadramentos” (HALL et al, 1993, p. 227, grifo dos autores). Benetti (2010) entende que se pode questionar essa falsa ideia de que todos utilizam os mesmos mapas culturais para perceber o mundo e agir sobre ele: “essa é provavelmente a mais falaciosa construção de sentidos levada a efeito por aqueles que detêm os lugares de fala institucionalizados, pois ignora os dissensos que poderiam desestabilizar suas posições de poder” (p. 147).

Considerações finais

Um acontecimento como a Rio+20 coloca um mundo a nossa frente (TUCHMAN, 1999) e os veículos jornalísticos nos levam a compreendê-lo, inscritos em um contexto ou numa ordem de sentido que eles próprios ajudaram a instaurar (BABO-LANÇA, 2006). Retomemos, pois, a imagem de si que as revistas elaboram no seu discurso (BENETTI, HAGEN, 2009): “Veja existe para que os leitores **entendam melhor o mundo em que vivemos**”; a missão de *Época* é “investigar e **ajudar a entender o complexo mundo contemporâneo**, é jogar luz no que há de **mais relevante** na atualidade, **transformar a confusão em clareza**”. *Época* e *Veja* se utilizaram da cobertura da Rio+20 para reforçar sua credibilidade, reiterando que os acontecimentos, em sua complexidade, precisam ser compreendidos através do conteúdo jornalístico.

Tais reflexões sobre a construção do acontecimento pretendem auxiliar no entendimento de que, por meio de uma “voz estruturadora do real”, o jornalismo possibilita que saibamos não apenas o que acontece no mundo, mas também, e principalmente, o que importa saber a respeito dos acontecimentos (BENETTI, 2007, p. 38) e como deve agir o sujeito que está de acordo com seu tempo. Esse “tempo presente” é construído a partir dos acontecimentos considerados “dignos” de serem relatados, na maioria das vezes não abarcando uma pluralidade de pontos de vista e de interpretações possíveis. Como se observa na análise em relação às manifestações ocorridas durante a Rio+20 e seus eventos paralelos, muitos fatos permanecem silenciados ou adquirem sentido de irônicos e marginais. Ou seja, os fatos não falam por si mesmos e “calam-se enquanto o

homem, e por delegação o observador do notável que é o jornalista, não os distinguir do magma factual” (CORNU, 1994, p. 362).

É a significação do sujeito que cria sentido e isso é determinante tanto para o interesse que atribuímos a certos acontecimentos como para a desigualdade de angulação que damos a eles. Afinal, o acontecimento sempre é observado e percebido segundo diferentes pontos de vista e afetações, podendo, até, não constituir o mesmo acontecimento para todos que o assistiram (QUÉRÉ, 2005). A partir disso, entendo que a forma pela qual as revistas constroem o acontecimento diz menos do próprio acontecimento e mais sobre os seus valores enquanto instituições jornalísticas e sobre os valores consensuais da sociedade contemporânea.

Referências Bibliográficas

- ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- BABO-LANÇA, Isabel. A constituição do sentido do acontecimento na experiência pública. **Trajectos - Revista de Comunicação, Cultura e Educação**, 2006.
- BENETTI, Marcia. Jornalismo e perspectivas de enunciação: uma abordagem metodológica. **Intexto**. Porto Alegre: UFRGS, 2006.
- _____. A ironia como estratégia discursiva da revista *Veja*. **Líbero**, n. 20, 2007.
- _____. O jornalismo como acontecimento. IN: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia. **Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010.
- BENETTI, Marcia; HAGEN, Sean. Jornalismo e imagem de si: o discurso institucional das revistas semanais. In: Encontro da Compós, 18, 2009. **Anais**. Belo Horizonte: PUC-MG, 2009.
- BERGER, Christa. Em torno do discurso jornalístico. In: FAUSTO NETO, Antônio; PINTO, Milton José (org.). **O indivíduo e as mídias: ensaios sobre comunicação, política, arte e sociedade no mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996.
- BERGER, Christa; TAVARES, Frederico M. B. Tipologias do acontecimento jornalístico. In: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia (org.). **Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.
- CORNU, Daniel. **Jornalismo e verdade**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.
- ÉPOCAa. São Paulo: Editora Globo, 11 de junho de 2012, n. 734.
- ÉPOCAb. São Paulo: Editora Globo, 18 de junho de 2012, n. 735.
- ÉPOCAc. São Paulo: Editora Globo, 25 de junho de 2012, n. 736.
- ESPADA, Arcadi. La noticia pós-moderna. In: ESPADA, Arcadi; BUSTO, Ernesto (org.). **El fin de los periódicos: Crisis y retos del periodismo actual**. Duomo ediciones: Barcelona, 2009.
- FAUSTO NETO, Antônio. Notas sobre as estratégias de celebração e consagração do jornalismo. **Estudos em jornalismo e Mídia**, n. 1. Florianópolis: Insular, 2008.
- FRANÇA, Renné. Passado reimpresso: instituição e memória nos 40 anos da revista *Veja*. In: FRANÇA, Vera; CORRÊA, Laura (org.). **Mídia, instituição e valores**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- HALL, Stuart et al. A produção social das notícias: o mugging nos media. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e histórias**. Lisboa: Veja, 1993.
- KATZ, Elihu. Os acontecimentos mediáticos: o sentido de ocasião. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: Questões, Teorias e “Histórias”**. Lisboa: Vega, 1999.
- MARCONDES FILHO, Ciro (org.). **Dicionário da comunicação**. São Paulo: Paulus, 2009.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo – Travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- MOUILLAUD, Maurice. Crítica do acontecimento ou o fato em questão. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio (org.). **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo 15, 1997.
- ORLANDI, Eni. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas: Pontes, 1996.
- _____. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas: Ed. Unicamp, 2007.
- PORTILHO, Fátima. **Sustentabilidade ambiental, consumo e cidadania**. SP: Cortez, 2010.
- QUÉRÉ, Louis. Entre o facto e sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos - Revista de Comunicação, Cultura e Educação**, n.6, 2005.
- _____. In: LAGE, Leandro; SALGADO, Tiago. Por uma abordagem pragmatista dos acontecimentos – Entrevista com Louis Quéré. **Eco-Pós**, vol. 14, número 02, 2011.
- REBELO, José. Prolegômenos à Narrativa Mediática do Acontecimento. **Trajectos - Revista de Comunicação, Cultura e Educação**, n. 8-9, 2006, p. 17-27.
- REGINATO, Gisele Dotto. **Em busca da complexa simplicidade: o consumo no discurso jornalístico da revista Vida Simples**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, UFSM, 2011.

RODRIGUES, Adriano Duarte. “O acontecimento”. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo**: questões, teorias e histórias. Lisboa: Vega, 1999.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2008.

TUCHMAN, Gaye. Contando “histórias”. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo**: Questões, Teorias e “Histórias”. Lisboa: Vega, 1999.

VEJAa. Edição 2273, n. 24. São Paulo: Editora Abril, 13 de junho de 2012.

VEJAb. Edição 2274, n. 25. São Paulo: Editora Abril, 20 de junho de 2012.

VEJAc. Edição 2275, n. 26. São Paulo: Editora Abril, 27 de junho de 2012.

Este artigo e todo o conteúdo da **Estudos em Jornalismo e Mídia**
estão disponíveis em <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/index>

Estudos em Jornalismo e Mídia está sob a [Licença Creative Commons](#)